

Educação Municipal **LIVRE DE RACISMO**



APRESENTAÇÃO

A Cartilha – **Educação Municipal Livre de Racismo** é uma produção da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal (**Confetam**), que reafirma o compromisso histórico do movimento sindical com a luta por uma **educação pública de qualidade, inclusiva e transformadora**. Este material é oferecido às federações e sindicatos afiliados como um instrumento estratégico para a aplicação efetiva das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, que **tornam obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo escolar**.

No Brasil, a educação é um campo essencial de disputa, onde se materializam as contradições de uma **sociedade marcada por desigualdades estruturais**. Nesse contexto, o racismo, enquanto expressão de um sistema histórico de opressão, está presente nos conteúdos, nas práticas pedagógicas e nas relações cotidianas das escolas. **Combater o racismo na educação** é, portanto, um compromisso ético, político e sindical que demanda ação organizada e qualificada.

Ao lançar esta cartilha, a Confetam se **posiciona como protagonista no enfrentamento ao racismo estrutural**, orientando os sindicatos a assumirem um papel ativo na promoção de uma **educação antirracista**. Reconhecemos que as escolas

municipais, enquanto espaço central de formação cidadã, têm um papel estratégico na **desconstrução de preconceitos** e na valorização da diversidade étnico-racial. Para isso, o movimento sindical, com sua capilaridade e capacidade de mobilização, é uma **ferramenta indispensável para garantir que as leis sejam implementadas**, que as práticas sejam transformadas e que o racismo seja enfrentado com **coragem e determinação**.

Mais do que um manual de orientação, esta cartilha é **uma convocação**. Convocamos educadores, gestores, trabalhadores em educação e dirigentes sindicais a se somarem na **construção de uma escola pública verdadeiramente livre de racismo**, que valorize as identidades, histórias e contribuições dos povos negros e indígenas para a formação da nossa sociedade.

A Confetam reafirma sua posição de liderança política-sindical no debate sobre educação e diversidade, **fortalecendo a luta** por um Brasil onde o respeito às diferenças seja a base para a construção de uma democracia plena e inclusiva. Que esta cartilha **inspire ações concretas e coletivas**, pois a erradicação do racismo começa pela educação e só será possível com o **fortalecimento do movimento sindical** e a união de todas e todos nesta luta.



As raízes históricas do racismo no Brasil

Do navio negreiro ao extermínio contemporâneo

Há quem diga que o racismo não existe no Brasil e que ficou restrito ao período da escravização. No entanto, o primeiro passo para abordar esse tipo de discriminação em nosso país é **entender como se deu e continua se dando o processo de marginalização da população negra**. O pesquisador Oracy Nogueira explica que a discriminação predominante no Brasil se baseia no “preconceito de cor”, conceito que, embora amplamente debatido, ele prefere denominar de “preconceito de marca”. Nos Estados Unidos, por outro lado, o racismo é mais **frequentemente associado ao “preconceito de origem”**.

De maneira simplificada, o preconceito de marca ocorre quando a discriminação é exercida em função da aparência física dos indivíduos, ou seja, dos **traços visíveis que remetem à sua ancestralidade**. Já o preconceito de origem se manifesta quando a discriminação surge pela suposição de que a pessoa **pertence a determinado grupo étnico**, independentemente de sua aparência. Oracy Nogueira destaca uma tendência alarmante: desde cedo, as crianças brancas são ensinadas a ver os traços negros como algo que “enfeia” quem os possui. Dessa forma, cria-se no imaginário popular uma sensação de **superioridade** dos traços fenotípicos brancos sobre os traços fenotípicos negros, muitas vezes **disfarçada por**

atitudes sutis ou até mesmo vistas como brincadeiras, o que agrava ainda mais a situação.

Nos Estados Unidos, o preconceito racial tende a ser mais explícito, frequentemente associado a **ódio intergrupais**. No Brasil, embora o preconceito seja mais disfarçado, suas manifestações **segregam e violentam intencionalmente a população negra**. Um ponto importante destacado por Nogueira é a peculiaridade das relações raciais brasileiras: aqui, é possível que uma pessoa preconceituosa mantenha laços de amizade com uma pessoa negra sem que isso altere suas **concepções racistas**.

Embora a associação direta entre “negro” e “escravo” e “branco” e “senhor” tenha diminuído nas últimas décadas, essas ideias **ainda persistem no imaginário social brasileiro**. A estrutura social esconde uma discriminação mais profunda: a desvalorização, desumanização e a desqualificação dos corpos, saberes e tradições do povo afro-brasileiro. Para compreender como chegamos a esse ponto, é necessário **analisar o desenvolvimento histórico** da sociedade brasileira, que transformou o racismo em um fenômeno sistêmico e estrutural, influenciando o comportamento e a formação social ao longo dos séculos.



O sequestro e o holocausto negro

No Brasil, é correto afirmar que a **desigualdade social tem suas raízes** e seu desenvolvimento diretamente **ligados à desigualdade racial**, além de estar associada a outras formas de discriminação, como as de gênero e geográfica. Diversos marcos históricos **ajudam a compreender** por que, até hoje, a população negra sofre os **efeitos duradouros da escravidão**, oficialmente "abolida" há cerca de 150 anos. O passivo dessa escravidão explica, em grande medida, as disparidades socioeconômicas que colocam os afrodescendentes na **base do espectro social**, perpetuando a desigualdade de oportunidades e de inserção na sociedade.

A primeira grande crueldade imposta ao povo negro começou com a **colonização do continente africano**, a partir do século XV, quando as potências europeias – França, Portugal, Inglaterra e Espanha, entre outras – invadiram, dominaram e estabeleceram colônias em territórios africanos. Em alguns casos, nações africanas se envolveram em acordos comerciais com os colonizadores europeus, mas logo a situação se transformou em uma **relação de exploração extrema**.

A segunda grande barbárie foi o **sequestro em massa de africanos**, que foram capturados e trazidos à força para o Brasil e outros territórios das Américas, como escravizados. Esse processo ocorreu do século XVI até meados do século XIX, principalmente em navios negreiros, sob

condições desumanas. Estima-se que mais de **13 milhões de pessoas foram trazidas da África** para as Américas, no que é considerado a maior migração forçada da história mundial. O Brasil, sendo o maior importador de escravizados do continente, **recebeu mais de 40% desse total**.

A deportação forçada não foi apenas uma transferência de mão de obra; foi também uma **tragédia humana colossal**, resultando na morte de milhões de pessoas. Muitos estudiosos se referem a esse episódio como o **Holocausto Negro**, reconhecido como o maior crime da história da humanidade.

Após a dominação e exploração das costas africanas, os portugueses passaram a utilizar os negros como **mão de obra escrava** em diferentes setores da economia colonial. Os escravizados eram destinados principalmente à produção agrícola, como nas plantações de cana-de-açúcar e café, e à mineração, entre outros trabalhos braçais essenciais para a prosperidade das **colônias europeias**.

Esse sequestro e exploração em massa não apenas resultaram em um genocídio físico, mas também em um **genocídio cultural**, cujos efeitos são sentidos até hoje, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo. O legado dessa violência é evidente nas profundas desigualdades sociais e raciais que **ainda persistem**.



“Eles não têm alma”

Para justificar as atrocidades cometidas **contra os povos colonizados** e legitimar a expansão territorial, os **européus criaram ideologias** que sustentavam o domínio da Europa sobre outras regiões. Entre essas ideias, surgiu a doutrina de que existia uma "raça superior" na Europa, supostamente "destinada por Deus" e pela história a governar o mundo e subjugar as raças consideradas inferiores. Essa justificativa ideológica, fortemente influenciada pela religião, foi usada para **explorar os povos indígenas**. Segundo a visão dominante da época, os indígenas não eram seres humanos, mas sim animais, e, portanto, sua **exploração para o trabalho** era justificada como um "desígnio divino".

Sob essa ótica, as torturas e abusos infligidos aos indígenas foram amplamente aceitos pelos colonizadores. Essa mesma lógica foi rapidamente aplicada à **população negra**, quando os escravizados africanos começaram a substituir a mão de obra indígena no Brasil. **A Igreja Católica, que nunca se opôs à escravidão negra**, justificava a exploração argumentando que os negros não possuíam alma. Com o tempo, o Vaticano tentou encobrir esse erro histórico, que nunca foi devidamente explicado ou retratado.

Violências sofridas pelos negros durante a escravidão

Uma das características mais marcantes da escravidão era o fato de que os **escravizados eram tratados como propriedade** de outros seres humanos. A historiografia tradicional muitas vezes negou a existência da face cruel do escravismo. Mas o fato é que o escravizado era considerado uma "propriedade viva", sujeita ao **domínio total** de seu senhor. Nessa condição, o ser humano cativo não era visto como uma pessoa, mas como um "bem", um "objeto", uma **mercadoria sujeita** a todo tipo de transação nas relações mercantis.

Como propriedade, o escravizado podia ser vendido, alugado, emprestado, doado, transmitido por herança ou legado, **penhorado e até hipotecado**, com o seu "dono"

exercendo todos os direitos de proprietário. Além disso, o **senhor tinha o poder de utilizar a força** de trabalho do escravizado da maneira que lhe fosse mais conveniente, visando extrair o máximo de proveito, enquanto em troca oferecia o mínimo necessário para a **subsistência** do aprisionado.

O escravizado, sendo **equiparado a um objeto**, era privado de qualquer direito civil. Embora pudesse constituir família, ele, sua esposa e seus filhos continuavam sendo propriedade do senhor. Apesar disso, a legislação proibia a **separação de cônjuges e filhos** menores de 15 anos. Toda essa violência simbólica somava-se aos castigos físicos, uma das marcas do regime escravocrata. Os senhores **possuíam o direito privado de castigar** seus escravos fisicamente, utilizando-se de instrumentos de tortura para garantir o controle e a continuidade do trabalho.

A relação entre senhores e escravizados era **fundamentada na violência** e na coerção. O sistema escravocrata utilizava os métodos **mais bárbaros** para manter a dominação, como a palmatória, usada para punir escravos tanto nas senzalas quanto dentro das casas-grandes. Esse mesmo instrumento de castigo também era aplicado em crianças, como parte de um método “pedagógico” que visava moldar comportamentos e impor disciplina. A violência, seja **simbólica ou física**, foi uma constante no regime escravocrata, perpetuando a desumanização dos negros e assegurando a manutenção de uma estrutura de poder **baseada no terror**.

Resistência negra no Brasil

A violência legalizada e sistematicamente utilizada pelos brancos para submeter os escravizados gerava **não apenas medo**, mas também revolta e formas variadas de resistência por parte daqueles submetidos a essa estrutura racista. A reação dos escravos à **opressão** assumiu múltiplas expressões, revelando o desejo profundo de libertação.

Uma dessas formas de resistência foi o aborto, frequentemente provocado pelas mulheres negras como forma de **evitar que seus filhos nascessem para sofrer** a mesma degradação. Além disso, o aborto representava uma maneira de prejudicar os senhores, sempre interessados no aumento do número de escravizados. O suicídio era outra forma de resistência, sendo visto como uma **libertação** das condições sub-humanas.

A rebeldia era uma resposta direta à violência do sistema escravista. Em muitos casos,

os escravizados retaliavam com violência, atacando feitores, senhores e seus familiares. Essas tensas relações mostravam, infelizmente, que o **ódio marcava, mutuamente, essas interações**. A frequência de homicídios cometidos por escravizados levou o Governo Brasileiro, na época, a adotar leis rigorosas, incluindo a pena de morte, como forma de conter a resistência.

A forma de resistência mais temida pelos senhores, no entanto, era a fuga, seguida da formação de quilombos – comunidades de escravizados fugitivos que **desafiavam abertamente a sociedade** e a autoridade colonial. Para os escravizados, a fuga representava a solução mais eficaz contra a violência da dominação branca. O trabalho compulsório e excessivo, as condições precárias de subsistência, a **degradação humana** e o controle constante tornavam a fuga uma alternativa de resistência, facilitada pela vasta extensão de terras não ocupadas no Brasil.

Como territórios negros de resistência, entre todos os quilombos, o mais famoso foi o **Quilombo dos Palmares**, que se estabeleceu por volta de 1602 na região sul da capitania de Pernambuco, atualmente no norte de Alagoas. Palmares chegou a abrigar, segundo estimativas, mais de vinte mil pessoas. De seus muitos líderes, os mais conhecidos foram **Zumbi e Dandara**, cujas histórias os transformaram de subversivos, na época, em representação de luta para os movimentos negros nos dias de hoje. O Quilombo dos Palmares representa, até hoje, um símbolo de rebeldia e luta pela liberdade, marcando um legado indelével na história do Brasil.

Foi o negro quem colonizou o Brasil

Uma forma significativa de resistência dos negros durante a escravidão foi a preservação e a disseminação de sua cultura, que sobreviveu apesar da repressão que suas manifestações cotidianas sofriam. A influência cultural dos africanos escravizados pode ser percebida em diversas áreas da vida brasileira, como na religião, música, dança, alimentação e língua.

Mesmo que o legado afro-brasileiro tenha sido historicamente negado e relegado a um papel secundário na historiografia oficial, ele é parte

indissociável da formação do Brasil.

A professora e pesquisadora **Azoilda Loretto da Trindade**, uma das maiores estudiosas das relações raciais na educação, destacou essa realidade em seu trabalho “A herança africana está em toda parte”. Azoilda, que nos deixou em setembro de 2015, afirmou: “A verdade é que a pele, o cabelo, o sangue, o corpo todo trazem uma informação, e o modo africano de ser, viver, conhecer e saber perpassa toda a cultura nacional. Essa

afirmação reflete o profundo impacto da cultura negra no Brasil, que se manifesta de várias formas até os dias de hoje.

Entre os exemplos mais emblemáticos dessa herança estão as manifestações culturais como o **samba**, o **afoxé**, o **maracatu**, a **congada**, o **lundu** e a **capoeira**. Esses elementos resistiram ao longo do tempo e permanecem vivos no cenário cultural brasileiro. Na religião, por exemplo, divindades africanas ligadas às forças da natureza ou a aspectos cotidianos foram sincretizadas com personagens do catolicismo. **Iemanjá**, deusa africana das águas, foi associada à **Nossa Senhora**, enquanto **Xangô**, senhor dos raios e tempestades, foi representado por **São Jerônimo**.

A influência africana também é evidente na culinária. Pratos como **vatapá**, **acarajé**, **pamonha**, **mugunzá**, **caruru**, **quiabo** e **chuchu** têm raízes africanas, assim como temperos como a **pimenta**, o **leite de coco** e o **azeite de dendê**, que

são amplamente utilizados na culinária brasileira.

O historiador **João José Reis** ressalta que os africanos que foram trazidos para o Brasil trouxeram consigo características que moldaram a chamada civilização ocidental, como o **otimismo**, a **coragem**, a **musicalidade**, a **ousadia** e a **estética**. Esses elementos, muitas vezes ignorados ou minimizados, foram centrais para o desenvolvimento de nossa sociedade.

Assim, ao contrário da narrativa oficial que muitas vezes coloca o negro em um papel passivo ou secundário, é fundamental reconhecer que os africanos escravizados e seus descendentes tiveram um papel ativo e decisivo na construção da identidade cultural, social e econômica do Brasil. A cultura africana, mesmo em meio à repressão, foi uma das maiores forças de resistência e sobrevivência ao longo dos séculos, moldando profundamente o Brasil que conhecemos hoje.

PRECISAMOS DE UMA SEGUNDA ABOLIÇÃO

De acordo com o sociólogo Florestan Fernandes, a verdadeira abolição da escravidão no Brasil ainda não foi completamente realizada. Ele defende que a Segunda Abolição teve início “quando o negro começou a se converter em trabalhador livre”, mas só será plenamente concluída “quando ele tiver suprimido, pelo esforço e pelos frutos do próprio trabalho, as fronteiras que separam os homens livres na sociedade de classes”.

Isso significa que a simples “libertação” dos escravizados, em 1888, não garantiu a

igualdade de oportunidades e de **condições de vida** para a população negra no Brasil. A abolição legal da escravidão foi apenas o **primeiro passo**; a verdadeira emancipação envolve também a eliminação das profundas desigualdades sociais e econômicas que **continuam a afetar** os afrodescendentes no país.

Atualmente, percebemos que essa Segunda Abolição ainda está longe de ser alcançada. Dados sobre desigualdades raciais, níveis de emprego e qualidade de vida mostram claramente que os **afrodescendentes continuam a enfrentar** enormes disparidades em relação ao restante da população. Essas desigualdades refletem o legado da escravidão e da **marginalização histórica**, e ressaltam a **necessidade urgente** de políticas e ações que promovam a justiça social e a igualdade racial.

Esse processo de transformação social não será completo até que **todas as barreiras** que separam os negros dos **mesmos direitos** e oportunidades dos demais cidadãos sejam eliminadas, e que todos possam, de fato, **viver em uma sociedade justa** e equitativa.



A diversidade da negritude brasileira

A negritude brasileira é diversa, complexa e plural, refletindo um amplo espectro de identidades e experiências culturais e sociais. Termos como **preto**, **pardo**, **negro** e **afrodescendente** são usados para descrever diferentes facetas dessa diversidade, mas é importante reconhecer que essas categorias não são fixas nem unidimensionais. A construção da identidade negra no Brasil envolve múltiplos processos históricos, sociais e culturais que resultaram na formação do que chamaremos de **negritudes** – assim mesmo no plural.

No Brasil, a sujeição imposta aos africanos e a subsequente diáspora criaram

uma diversidade de experiências negras que **resistiram e se transformaram** ao longo do tempo. Antes de serem trazidos para as Américas, os africanos pertenciam a diversos grupos étnicos com suas próprias culturas, línguas e tradições. No entanto, o tráfico transatlântico de escravizados **forçou uma desidentificação cultural** ao separar indivíduos de diferentes origens étnicas e criar uma nova identidade racial imposta: a de "negro". Essa nova identidade racial, baseada na cor da pele, foi imposta como uma **forma de controle social e econômico**. Mas, em resposta, os africanos escravizados e seus

descendentes desenvolveram formas de resistência e preservação cultural que moldaram a cultura brasileira de maneira profunda, como já enunciamos.

A diversidade da negritude no Brasil também se reflete na miscigenação. Ao longo dos séculos, a mistura entre africanos, indígenas e europeus deu origem a uma população mestiça, configurando o que muitos historiadores chamam de "**mito da democracia racial**" — a ideia de que a miscigenação teria apagado as tensões raciais no país. No entanto, essa leitura esconde as profundas desigualdades que persistiram após a abolição da escravatura e o uso de políticas de embranquecimento, especialmente no início do século XX. O Brasil, a partir da Proclamação da República, adotou políticas de imigração de europeus, com o objetivo de "branquear" a população, uma estratégia que visava **minimizar a presença negra** e indígena na sociedade e associar o "progresso" à europeização. Essas políticas eram ancoradas em teorias racistas e eugenistas da época, que acreditavam que o **embranquecimento da população** contribuiria para o desenvolvimento do país.

Líderes e intelectuais do movimento negro apontam que a miscigenação, embora tenha gerado uma diversidade étnica, foi também uma **ferramenta de violência simbólica e física** contra a população negra, utilizada para apagar suas culturas e marginalizá-los social e economicamente. O processo de branqueamento institucionalizado no século XX é visto como uma **continuidade do racismo estrutural**, que persistiu e persiste, reforçando a invisibilidade e a exclusão da negritude nas esferas de poder e nas narrativas nacionais.

Hoje, o termo **afrodescendente** tem ganhado força, especialmente no cenário internacional, para abranger as diferentes experiências da diáspora africana, reconhecendo a pluralidade de identidades e histórias que compõem a negritude. Embora o termo "negro" ainda seja amplamente utilizado, "afrodescendente" reflete **uma tentativa de ressignificação** da identidade racial de forma mais afirmativa e política. Assim, a negritude brasileira é uma **identidade em constante construção**, que se reinventa ao longo do tempo, em diálogo com as lutas por direitos, a preservação cultural e a busca por reconhecimento e justiça social.



Imagem: Senado Federal



Conceitos fundamentais

Racismo

Racismo é a crença na superioridade de uma raça sobre outra, resultando em **discriminação e exclusão** com base em características raciais. No Brasil, **sua raiz está na escravidão**, cuja herança sustenta desigualdades persistentes. Ele se manifesta de forma:

Individual

Comportamentos **preconceituosos direcionados a indivíduos** por sua cor ou etnia, desde insultos diretos até microagressões sutis.

Institucional

Práticas e normas que, dentro de instituições, produzem **resultados desiguais entre grupos raciais**, refletindo-se na exclusão de afrodescendentes de espaços de poder e oportunidades.

Estrutural

Sistema de desigualdades que organiza a sociedade, **perpetuando condições desiguais para populações negras**, visíveis em indicadores como renda e taxas de violência.

Racismo religioso

Trata-se da discriminação e violência contra religiões de **matriz africana e seus praticantes**, envolvendo perseguições, destruição de patrimônios e ataques simbólicos e físicos. Terreiros de candomblé e umbanda, comuns na região de Maracanaú, são territórios de **resistência cultural** e ensino de valores da cosmovisão afro-brasileira. Nesses espaços, crianças, jovens e adultos convivem e aprendem, enfrentando as contradições do racismo na sociedade.

Racismo recreativo

Esse conceito descreve o uso do humor racista como **ferramenta de perpetuação** das

hierarquias raciais. O racismo recreativo é uma **violência simbólica** que utiliza o riso para mascarar hostilidades, reforçar estereótipos e marginalizar minorias raciais. Ele opera por meio de:

- ⊗ **Encobrimento da hostilidade racial com humor.**
- ⊗ **Manutenção de desigualdades simbólicas e sociais**
- ⊗ **Pedagogia da subordinação racial, que normaliza a inferiorização de pessoas negras.**

Esses conceitos evidenciam a complexidade do racismo e a **necessidade de combatê-lo em suas diversas expressões**, promovendo uma educação transformadora e inclusiva.

Outros conceitos fundamentais

Ações afirmativas	Políticas públicas para corrigir desigualdades históricas promovendo acesso igualitário à educação, emprego e outros direitos, focando em grupos discriminados.
Colorismo	Discriminação baseada no tom da pele, favorecendo pessoas de pele mais clara dentro de um mesmo grupo racial, refletindo padrões eurocêtricos.
Discriminação étnico-racial	Forma como indivíduos ou grupos se identificam racialmente, influenciada por fatores históricos e culturais. No Brasil, é impactada pela miscigenação e colorismo.
Identidade racial	Discriminação baseada no tom da pele, favorecendo pessoas de pele mais clara dentro de um mesmo grupo racial, refletindo padrões eurocêtricos.
Movimento negro	Conjunto de organizações que lutam contra o racismo e promovem igualdade racial, atuando em políticas públicas e ações afirmativas desde o período escravocrata.

Preconceito
étnico-racial

Atitude negativa baseada em raça ou etnia, que sustenta práticas discriminatórias e desigualdades estruturais.

Como se manifesta o racismo no cotidiano escolar?

O racismo no ambiente escolar acontece por meio de **atitudes, comportamentos e práticas que excluem**, discriminam ou inferiorizam estudantes com base na cor da pele ou origem étnica. Essas manifestações podem ser explícitas, como insultos e piadas racistas, ou implícitas, como a **exclusão de crianças negras** em brincadeiras ou comentários depreciativos sobre suas características físicas.

Esse comportamento reflete preconceitos absorvidos do **ambiente familiar e social**, agravados pela falta de intervenção de professores e gestores escolares. Quando ignorado, o racismo é **naturalizado e perpetuado**, especialmente em espaços coletivos como pátios e parques.

Exemplos de racismo na escola

- ⊙ **Brincadeiras ofensivas:** Insultos como "seu cabelo é feio" ou "não quero brincar com você porque sua pele é preta".
- ⊙ **Exclusão social:** Negar segurar a mão de uma criança negra ou evitar sentar-se ao lado dela.
- ⊙ **Material pedagógico excludente:** Currículos que ignoram a contribuição afro-brasileira e indígena reforçam estereótipos e invisibilizam essas culturas.

O racismo na escola pode impactar profundamente a **autoestima e o desenvolvimento emocional de crianças negras**, criando um ambiente hostil para elas. Por outro lado, crianças não negras crescem sem compreender a importância da diversidade, reproduzindo preconceitos.

Expressões Preconceituosas a Serem Evitadas

Certos termos e comentários comuns no ambiente escolar reforçam estereótipos racistas, mesmo quando usados de forma "brincalhona". É essencial identificar e evitar esses comportamentos:

Características físicas

- ⊗ **"Cabelo ruim"**: Desvaloriza cabelos crespos; prefira valorizar a diversidade.
- ⊗ **"Negão"/"Nega"**: Pode objetificar ou hipersexualizar pessoas negras.

Capacidade e intelecto

- ⊗ **"Você é inteligente para um negro"**: Reforça estereótipos que limitam as capacidades intelectuais.
- ⊗ **"Negro só serve para jogar futebol"**: Reduz as possibilidades de sucesso às atividades físicas.

Associações racistas

- ⊗ **"Preto de alma branca"**: Sugere que atributos positivos são exclusivos de pessoas brancas.
- ⊗ **"Macaco"**: Desumaniza e agride de forma cruel.

Expressões supostamente positivas

- ⊗ **"Beleza exótica"**: Coloca a beleza negra como fora do "normal".
- ⊗ **"Você nem parece negro"**: Implica que ser negro é algo a ser evitado.

Essas expressões prejudicam a autoestima e o senso de pertencimento dos estudantes negros, reforçando um ambiente escolar excludente. Combater o uso dessas falas é essencial para construir uma escola inclusiva e antirracista.

Quadro explicativo: criminalização do racismo no Brasil

<p>Primeiros marcos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Lei Afonso Arinos (1951): Tornou contravenção penal a discriminação por raça ou cor. - Lei Caó (Lei nº 7.716/1989): Define crimes de racismo e prevê punições de 1 a 5 anos de prisão. Homenageia o deputado Carlos Alberto Oliveira dos Santos. - Constituição de 1988: Define racismo como crime inafiançável e imprescritível.
<p>Desafios atuais</p>	<p>Apesar das leis, o racismo persiste, especialmente em formas institucionais e estruturais. Muitos casos são registrados como "injúria racial", dificultando a aplicação de punições mais severas.</p>

Marcos legais: enfrentamento ao racismo

<p>Lei nº 14.532/2023</p>	<p>Equipara injúria racial ao crime de racismo, tornando-a imprescritível e inafiançável, com pena de 2 a 5 anos de reclusão e multa.</p>
<p>Estatuto da Igualdade Racial (2010)</p>	<p>Estabelece políticas para garantir igualdade de oportunidades e combate à discriminação racial.</p>
<p>Lei de Cotas (2012)</p>	<p>Reserva vagas em universidades públicas para estudantes de escolas públicas, com percentual para negros, indígenas e de baixa renda.</p>

Lei nº 12.990/2014	Reserva 20% das vagas em concursos públicos federais para candidatos negros.
Lei de Imprensa nº 5.250/67	Criminaliza a propaganda de preconceitos de classe ou raça, com pena de 1 a 4 anos de detenção.

Marcos legais: educação para relações étnico-raciais

Lei nº 10.639/2003	Inclui História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como temática obrigatória no currículo oficial da Rede de Ensino.
Parecer CNE/CEB nº 03/2004 e Resolução CNE/CEB nº 01/2004	Estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
Lei nº 11.645/2008	Amplia a Lei nº 10.639/2003 para incluir o ensino de História e Cultura Indígena.
Lei nº 16.025/2016	Institui o Plano Estadual de Educação do Ceará, com metas voltadas para a equidade educacional.
Lei nº 12.519/2011	Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

Resolução CEE nº 416/2006	Dispõe sobre o ensino obrigatório de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Ceará.
Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares	Propõe estratégias para efetivar as diretrizes nacionais na prática pedagógica e formação de professores.

Antirracismo

O antirracismo é uma **postura ativa contra o racismo**, que exige mais do que simplesmente “não ser racista”. É necessário adotar uma posição consciente e engajada para combater estruturas e práticas discriminatórias. Ser antirracista **implica reconhecer desigualdades históricas**, agir para desconstruir sistemas de opressão e promover a educação e conscientização como ferramentas de transformação social.

No Brasil, o movimento antirracista ganhou força com o debate público sobre cotas raciais, implementadas em 2012, que foram um marco para **reduzir desigualdades**. Dados mostram que, em 2018, 50,3% dos estudantes de universidades federais eram pretos ou pardos, evidenciando os avanços na inclusão educacional. Além disso, o antirracismo envolve **apoiar políticas públicas** que garantam acesso à educação de qualidade, saúde, moradia e emprego digno para a população negra.

Educação antirracista

A educação antirracista é uma estratégia essencial para combater o racismo **desde a infância** e construir uma sociedade mais justa. No Brasil, a Lei nº 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, marcando um avanço importante para a **inclusão da diversidade** no currículo escolar.

Essa educação busca desmistificar estereótipos e **promover a valorização** de histórias e culturas marginalizadas. Alguns pilares fundamentais incluem:

Currículo inclusivo

Incorporar histórias e materiais que valorizem culturas afro-brasileiras e indígenas, destacando **heróis negros**, influências culturais e artísticas, e promovendo a **diversidade como riqueza**.

Representatividade

Utilizar materiais didáticos que apresentem figuras negras como cientistas, artistas e líderes, permitindo que todos os estudantes se **reconheçam positivamente**.

Formação de educadores

Preparar professores e gestores para reconhecer e combater o racismo na prática pedagógica, com **estratégias antirracistas** e formações específicas.

Diálogo com famílias

Envolver os responsáveis nas discussões sobre racismo, **garantindo que o aprendizado seja reforçado** fora do ambiente escolar.

Espaços de escuta

Criar momentos para que crianças compartilhem experiências e sentimentos, promovendo **respeito mútuo** e prevenção do preconceito.

A. Iniciativas para uma educação antirracista

Na prática, uma educação antirracista transforma o ambiente escolar em um espaço de inclusão, **valorização da diversidade** e enfrentamento às desigualdades. Algumas ações possíveis são:

- ⊙ **Valorização da Diversidade:** Promover atividades que celebrem **culturas afro-brasileiras e indígenas**, como música, dança, culinária e religiões de matriz africana.
- ⊙ **Inclusão e Equidade:** Adaptar estratégias pedagógicas às realidades dos estudantes, **reconhecendo suas diferenças e necessidades** para garantir oportunidades justas.
- ⊙ **Enfrentamento de Estereótipos:** Trabalhar criticamente as representações raciais em materiais didáticos e na mídia, **desconstruindo preconceitos** e promovendo uma visão mais justa.

B. Expressões artísticas na educação antirracista

A arte é uma ferramenta poderosa na educação antirracista, pois conecta estudantes às culturas afro-brasileiras e indígenas de **maneira sensível e criativa**. Algumas sugestões incluem:

- ⊙ **Artes Visuais:** Realizar autorretratos com diversas tonalidades de pele, criar máscaras inspiradas em culturas indígenas ou africanas e explorar padrões geométricos da **arte africana**.
- ⊙ **Dança:** Apresentar danças tradicionais como **maracatu, jongo e ciranda**, promovendo conexão com a ancestralidade.
- ⊙ **Música:** Organizar oficinas de ritmos afro-brasileiros e indígenas, como samba e bumba-meu-boi, que **conectem os estudantes à riqueza cultural** do Brasil.
- ⊙ **Brincadeiras Tradicionais:** Resgatar brincadeiras como Coco, Cacuriá e São Gonçalo, valorizando **práticas culturais colaborativas** e inclusivas.

C. Impacto da educação antirracista

Uma educação antirracista **beneficia toda a comunidade** escolar. Para estudantes

negros, promove autoestima e senso de pertencimento; para o coletivo, **reduz preconceitos** e constrói uma sociedade mais crítica e consciente sobre desigualdades raciais. Ao incorporar práticas antirracistas, a escola se torna um **espaço de transformação**, preparando cidadãos para erradicar o racismo estrutural.

Pedagogia antirracista afro-brasileira

Para construir uma pedagogia antirracista com base afro-referenciada, é necessário partir de valores e práticas que **reflitam a herança cultural** e civilizatória afro-brasileira. Essa abordagem pedagógica valoriza o conhecimento ancestral e as contribuições dos povos africanos para a sociedade brasileira, criando uma **educação que promova equidade**, reconhecimento e empoderamento.

Valores civilizatórios afro-brasileiros

A pensadora e educadora **Azoilda Loretto da Trindade** deixou um importante legado ao destacar os princípios antirracistas que fundamentam os **valores civilizatórios afro-brasileiros**. Esses valores refletem a diversidade do continente africano e as contribuições que africanas e africanos trouxeram ao Brasil, perpetuadas por seus descendentes. Estão presentes na memória coletiva, em nossos costumes, na música, literatura, religião, culinária, e em toda a cultura brasileira. **Reconhecer e valorizar esses valores é fundamental**, especialmente em um país como o Brasil, que abriga a segunda maior população negra do mundo.

A seguir, destacam-se os principais valores civilizatórios descritos por Azoilda Trindade:

1. Oralidade

A oralidade é uma forma de transmissão de saberes que precede a escrita. Falar e ouvir são atos de **libertação e construção** de conhecimento. Em uma cultura onde a fala é central, como nas tradições africanas e afro-brasileiras, o discurso falado tem um papel fundamental na **preservação da memória** e na produção de saberes.

Na escola, a **valorização da oralidade** pode fomentar um ambiente de troca e aprendizado coletivo.

2. Circularidade

A ideia de circularidade remete à continuidade e renovação, **valores presentes em diversas práticas afro-brasileiras**, como a capoeira, a roda de samba e as rodas de conversa. A roda simboliza a coletividade e o movimento constante, **reforçando a importância da cooperação e do aprendizado** conjunto. É um modelo pedagógico que propõe a inclusão de todos no processo de troca de saberes.

3. Corporeidade

O corpo é o primeiro **patrimônio de um indivíduo**, especialmente para aqueles arrancados de suas terras e submetidos ao sofrimento. O reconhecimento e a valorização do corpo na educação permitem que as crianças entendam sua corporeidade como um espaço de construção de saberes e de compartilhamento de experiências. O corpo, na perspectiva afro-brasileira, é um **veículo de expressão cultural e espiritual**.

4. Musicalidade

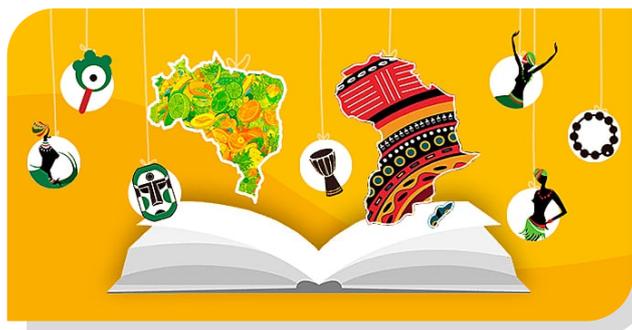
A musicalidade é um aspecto fundamental da cultura afro-brasileira. O **ritmo, a dança e o canto** não só representam alegria e celebração, mas também são formas de resistência e conexão com as raízes africanas. Na pedagogia, a música pode ser utilizada para criar uma **atmosfera de inclusão** e de celebração da diversidade.

5. Ludicidade

Brincar é uma necessidade vital em qualquer fase da vida, e **o riso é uma forma de celebração da existência**. A ludicidade, ou o ato de brincar, deve estar presente não apenas na educação infantil, mas em todo o processo de ensino, tornando a aprendizagem mais envolvente e significativa. A alegria é essencial para o **desenvolvimento integral** das crianças.

6. Cooperatividade

A cooperação é um valor central nas culturas africanas e afro-brasileiras. Ela **ênfatiza a importância de cuidar uns dos outros**, formando uma rede de solidariedade e afeto. Na escola, a cooperatividade pode ser incorporada em práticas pedagógicas que promovem a colaboração entre **alunos e educadores**, fortalecendo o senso de comunidade e empatia.



Aplicação dos valores na pedagogia antirracista

Esses valores podem ser usados como **ferramentas para a construção de uma pedagogia antirracista**. Eles incentivam a criação de ambientes escolares acolhedores, onde as crianças possam expressar suas angústias e serem ouvidas com afeto. Além disso, o estabelecimento de limites e a **construção de relações de confiança** são formas de cuidado que contribuem para um ambiente escolar seguro e inclusivo.

Ao adotar os valores civilizatórios afro-brasileiros, a escola se torna um espaço onde a empatia, o afeto e a cooperação guiam o **processo de ensino-aprendizagem**. A confiança é um elemento central para o sucesso dessa abordagem, permitindo que alunos e educadores **estabeleçam laços profundos e transformadores**. Assim, a pedagogia baseada nesses princípios contribui para uma educação que promove a igualdade e combate o racismo em todas as suas formas.

Sugestões de atividades antirracistas

Creche (0 a 3 anos)

- ⊗ **Brincando com cores de pele:** Usar lápis, tintas e massinhas de modelar com diferentes tonalidades de pele para atividades artísticas, ajudando as crianças a **reconhecer e valorizar a diversidade**.
- ⊗ **Bonecos diversos:** Apresentar bonecos de **diferentes etnias nas brincadeiras**, para que as crianças se familiarizem com a diversidade desde cedo.
- ⊗ **Contação de histórias:** Escolher livros infantis com **personagens negros e indígenas** que promovam mensagens de empatia e respeito.
- ⊗ **Ritmos e sons:** Introduzir músicas e ritmos afro-brasileiros, como o samba e o maracatu, para **explorar a riqueza cultural**.
- ⊗ **Espelho da diversidade:** Disponibilizar espelhos onde as crianças possam observar a si mesmas e aos colegas, **promovendo a conversa** sobre como cada pessoa é especial e única.

Imagem: Brasil de Fato

Pré-escola (4 a 5 anos)

- ⊗ **Dia das cores e culturas:** Realizar atividades que **celebrem a diversidade** cultural, com danças, roupas e culinárias típicas das culturas afro-brasileiras e indígenas.
- ⊗ **Círculo de histórias:** Ler livros como “Amoras” de Emicida, que ensinam crianças a **valorizar sua identidade** e reconhecer belezas diversas
- ⊗ **Autorretrato com lápis de pele:** Trabalhar a autoimagem e diversidade ao desenhar autorretratos, usando lápis ou tintas que representem os diferentes **tons de pele**.
- ⊗ **Jogos colaborativos:** Promover **brincadeiras tradicionais** afro-brasileiras e indígenas, como a ciranda e o jogo da amarelinha.
- ⊗ **Teatro das culturas:** Apresentar pequenas encenações sobre lendas africanas ou indígenas, **incentivando o respeito** e a valorização dessas histórias.

Ensino fundamental (6 a 10 anos)

- ⊗ **Linha do tempo da diversidade:** Criar uma linha do tempo com **figuras negras e indígenas** importantes na história do Brasil, como Zumbi, Dandara e Marielle Franco.
- ⊗ **Oficina de música e ritmo:** Trabalhar com instrumentos como tambores ou atabaques para explorar **ritmos afro-brasileiros** e aprender sobre sua importância cultural.
- ⊗ **Criação de máscaras:** Produzir máscaras inspiradas em padrões africanos ou elementos da cultura indígena, conectando os alunos às suas **tradições e significados**.
- ⊗ **Desmistificando estereótipos:** Promover uma roda de conversa para identificar e **desconstruir preconceitos** presentes em materiais como filmes e desenhos animados.
- ⊗ **Painel da diversidade:** Criar um mural coletivo com frases, desenhos e imagens que representem o **respeito às diferenças** e a importância da igualdade racial.

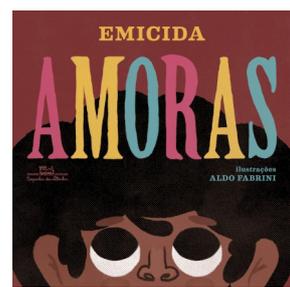
Essas atividades promovem o respeito à diversidade e ajudam a **construir uma educação antirracista** desde a infância.

Ferramentas e recursos pedagógicos

Livros recomendados

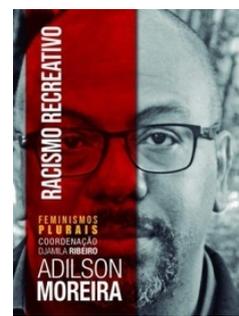
Para crianças:

- ⊙ **Amoras – Emicida:** Um livro que ensina crianças a **valorizar sua identidade** e beleza.
- ⊙ **O Mundo no Black Power de Tayó – Kiusam de Oliveira:** Mostra a força e o **orgulho** de ser negro.
- ⊙ **Zumbi Não Vai à Escola – Flávia Oliveira:** Aborda questões de preconceito de **forma sensível** para o público infantil.



Para jovens e adultos:

- ⊙ **Pequeno Manual Antirracista – Djamilia Ribeiro:** Guia prático para entender o racismo e **promover mudanças**.
- ⊙ **Quarto de Despejo – Carolina Maria de Jesus:** Diário de uma mulher negra que viveu na favela, com **reflexões sociais** profundas.
- ⊙ **Racismo Recreativo – Adilson José Moreira:** Explora o uso do **humor** para perpetuar o racismo.



Documentários e Filmes

Para crianças e jovens:

- ⊙ **A Princesa e o Sapo (Disney):** Animação que apresenta uma princesa negra e suas lutas em um **contexto cultural** afro-americano.
- ⊙ **Kiriku e a Feiticeira:** Animação que **explora a cultura** e mitologia africanas.

Para educadores e alunos do fundamental:

- ⊙ **Vista Minha Pele:** Um curta que inverte **papéis raciais** para refletir sobre discriminação.
- ⊙ **Pantera Negra (Marvel):** Representação **cultural africana** em um contexto de fantasia e tecnologia



Para jovens e adultos:

- ⊙ **13ª Emenda (Netflix):** Análise do racismo no sistema **prisional** dos EUA.
- ⊙ **Bacurau:** Filme brasileiro que **discute desigualdades** sociais e resistência em um contexto simbólico
- ⊙ **Estrelas Além do Tempo:** Histórias de cientistas **negras pioneiras** na NASA.



Sites e portais

- ⊙ **Portal Geledés:** www.geledes.org.br
Informações sobre racismo, gênero e **direitos humanos**, com materiais voltados à educação.
- ⊙ **Instituto Luiz Gama:** www.institutoluizgama.org.br
Promove estudos e **ações contra o racismo** estrutural e pela equidade social.
- ⊙ **Blog da Djamila Ribeiro:** <https://www.djamilaribeiro.com.br/blog/>
Reflexões sobre feminismo negro e **antirracismo**, com artigos e materiais didáticos.
- ⊙ **Observatório de Discriminação Racial no Futebol:** www.observatorioracialfutebol.com.br
Dados e **análises** sobre o racismo no esporte.

Movimentos e projetos

- ⊙ **Movimento Negro Unificado (MNU):**
Fundado em 1978, o MNU é uma das **principais organizações** na luta contra

o racismo e pela valorização da **cultura negra** no Brasil. Atua em diversas frentes, incluindo educação e políticas públicas.

- ⊙ **Instituto Odara:**
O Instituto Odara promove o **empoderamento de mulheres negras** e articula redes de luta por liberdade e emancipação do povo preto, especialmente na região Nordeste do Brasil.
- ⊙ **Fundo Agbara:**
Primeiro fundo filantrópico para mulheres negras no Brasil, o Fundo Agbara visa promover acesso a direitos econômicos e **potencializar iniciativas** de mulheres negras para viabilizar independência financeira e emocional.
- ⊙ **Ministério da Igualdade Racial**
Órgão governamental responsável por planejar, coordenar e executar políticas públicas de promoção da **igualdade racial** e combate ao racismo em nível nacional.

Canais de Denúncia

Disque 100

Serviço nacional que **recebe denúncias** de violações de direitos humanos, incluindo racismo.

- ⊙ **Como denunciar:** Ligue **gratuitamente** para 100 (24h, todos os dias).

Delegacias de polícia

- ⊙ Se o crime está em **andamento**, acione a Polícia Militar pelo número 190.
- ⊙ Caso o crime já tenha ocorrido, a vítima **deve procurar a Delegacia** de Polícia Civil para registrar a queixa, levando testemunhas e provas, sempre que possível.
- ⊙ Registre um boletim de ocorrência em **qualquer** delegacia.
- ⊙ Em algumas cidades, há delegacias especializadas, como a Decradi (Delegacia de **Crimes Raciais** e Delitos de Intolerância) em São Paulo e no Ceará

SaferNet Brasil

Para denúncias de racismo na internet.

- ⦿ **Como denunciar:** Acesse o site www.safernet.org.br

Ouvidoria nacional de direitos humanos

Recebe denúncias online e oferece acompanhamento.

- ⦿ **Como denunciar:**
Aplicativo: Direitos Humanos Brasil (Android/iOS).
Site: www.gov.br/mdh
E-mail: ouvidoria@mdh.gov.br

Ministério público

Para casos que envolvam coletividade, como propagandas ou publicações racistas.

- ⦿ **Como denunciar:** Procure a Promotoria de Justiça em sua cidade ou pelo site do Ministério Público do seu estado.

Importante! Denunciar é essencial para combater o racismo e garantir justiça.



Protesto antirracista realizado em 7 de junho de 2020, na cidade de São Paulo
www.mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/racismo-no-brasil.htm

CONCLUSÃO

A construção de uma **Educação Municipal Livre de Racismo** é um desafio urgente e coletivo que demanda comprometimento, coragem e organização. Esta cartilha, oferecida pela Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal (Confetam) aos sindicatos e federações afiliadas, é mais do que um instrumento técnico: é um chamado à **ação para enfrentar, com profundidade e efetividade, o racismo** que ainda marca nossas escolas e relações sociais.

O movimento sindical tem uma responsabilidade histórica em liderar esse processo, pois está enraizado na luta por direitos, equidade e justiça social. A implementação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 é parte essencial dessa luta e deve **ser entendida** como uma ferramenta para transformar o espaço escolar em um ambiente de inclusão, respeito e valorização das contribuições dos povos negros e indígenas à construção do Brasil.

O combate ao racismo **não se limita à esfera da educação** formal; ele reflete a luta mais ampla por uma sociedade que reconheça, respeite e celebre sua pluralidade. O fortalecimento do debate qualificado, das práticas antirracistas e da mobilização sindical são passos fundamentais para romper as barreiras estruturais que impedem o pleno

desenvolvimento das comunidades negras e indígenas em nosso país.

Convidamos todos os sindicatos, dirigentes, trabalhadores da educação, professores e gestores a utilizarem esta cartilha como um guia e uma **inspiração para transformar a realidade** local. Que cada escola municipal seja um território de resistência ao racismo, um espaço onde a diversidade seja celebrada e onde nossas crianças e jovens possam crescer livres de preconceitos, prontos para construir uma sociedade mais justa e democrática.

Por meio desta cartilha, reafirmamos que o **movimento sindical** é, e sempre será, uma trincheira na luta por igualdade e respeito. A educação é o **terreno fértil** para essa transformação, e juntos, podemos garantir que o racismo seja definitivamente erradicado das nossas escolas e, um dia, de toda a sociedade.

A Confetam permanece ao lado de suas entidades afiliadas, na certeza de que a mudança é possível quando há **unidade e ação**. O compromisso com uma educação livre de racismo é o compromisso com um futuro onde todos e todas possam viver com **dignidade** e igualdade. Juntos, seguiremos lutando, ensinando e transformando.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). Saberes e fazeres, v.1: Modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. 116p. (A cor da cultura).

BRANDÃO, Ana Paula (Org.). Modos de fazer: Caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (A cor da cultura; v.4).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Trilhos da Alfabetização: Por uma educação antirracista (Maranhão). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021. 80 p.

GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REIS, Jacqueline Aparecida da Silva Aguiar. Caminhos para uma Educação Antirracista: Teoria e prática na EMEI Pedreira Ana Gilda Leocadio. São Paulo: Prof. Ensino Fundamental II e Médio – Inglês EMEF Prof.º Nelson Pimentel Queiroz – DRE Santo Amaro.

SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros – identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999. 2ª ed.

www.confetam.org.br



 [@confetam.cut](https://www.instagram.com/confetam.cut)

 [/confetam](https://www.facebook.com/confetam)

 [Confetam/CUT](https://www.youtube.com/Confetam/CUT)